

VAMOS “DESPLASTIFICAR” A INFÂNCIA? UM CONVITE PARA BRINCADEIRAS MAIS VERDES E SUSTENTÁVEIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA/CE.

Julyana Rocha Carvalho ¹
Narcélio José Marques dos Santos ²

RESUMO

O termo “Desplastificar” vem sendo utilizado por vários pesquisadores no sentido de retirar, eliminar ou abandonar o plástico tão presente em nosso cotidiano e principalmente no meio em que as crianças estão inseridas. Estima-se que 90% dos brinquedos do mundo são fabricados de material plástico e com baixa possibilidade de serem reciclados. Assim, este trabalho aborda os caminhos encontrados em um Centro de Educação Infantil do Município de Fortaleza/CE para frear o uso de materiais plásticos e pensar em brinquedos e brincadeiras mais sustentáveis, através do contato com a natureza. Ao propor alternativas para o brincar e aprender com e na natureza, a criança dispõe de um leque de oportunidades para construir, criar, montar e fazer, acessando suas diferentes linguagens, habilidade motoras e fortalecendo elos de relação com o mundo a sua volta. Nesse estudo, as crianças foram convidadas a estarem descobrindo e interagindo com diferentes materiais, como madeira, utensílios de cozinha (conhecendo a materialidade original e acionando imitações do mundo real), manuseio de sementes, cascas, conchas, entre outros. Como suporte teórico, trazemos Piorski(2016), Tiriba (2018), Krenak (2022), Horn(2022) que enfatizam e alertam a importância do fortalecimento das crianças inseridas na natureza e do cuidado socioambiental. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, quanto aos objetivos, de abordagem exploratória descritiva de um relato de experiência, complementando-se com a pesquisa documental e bibliográfica.

Palavras-chave: Natureza, Educação Infantil, Sustentabilidade, Brincadeiras.

INTRODUÇÃO

Se voltarmos um pouco no tempo e olharmos para os brinquedos dos nossos pais e avós, vamos lembrar que muitos desses brinquedos eram feitos de madeira ou de alumínio, diferente do que presenciamos nos dias de hoje, na qual a maioria dos brinquedos são de plásticos. O termo “desplastificar” , surge nesse cenário, como um chamado urgente a reflexão e ação, já sendo bastante utilizado por pesquisadores no

¹ Mestranda do Curso de Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará-UFC, julyanarochaufc20@gmail.com;

² Orientador - Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará-UFC, narcelio@ufc.br;



sentido de reduzir o uso do plástico que é tão presente no cotidiano das infâncias, desde mamadeiras, embalagens plásticas e como já relatamos, principalmente os brinquedos. Cada vez mais, a produção e o consumo de plásticos vem crescendo devido ao atual contexto da humanidade, acarretando em problemas socioambientais e causando um alerta mundial. Dessa forma, o desafio não é apenas a redução do uso de plásticos, mas também a transformação cultural que leve à substituição desses materiais por alternativas mais sustentáveis.

De acordo com o Instituto Alana (2020), uma boneca fabricada em seu primeiro lote no ano de 1959, provavelmente ainda esteja entre nós, flutuando no oceano ou nos lixões, apresentando condições favoráveis à fragmentação, dando origem ao microplástico, afetando uma quantidade ainda maior de organismos. Se esse cenário persistir, os impactos socioambientais poderão ser ainda maiores, prejudicando ainda mais os seres humanos, visto que os microplásticos já podem ser encontrados em água potável, alimentação e até no leite materno (NUCCI, 2010).

É válido ressaltar que o consumo e descarte de brinquedos de plástico, acelerado por uma publicidade dirigida ao público infantil, é um desafio de escala social, econômica e ambiental. Mas não impossível de ser enfrentado se ações integradas envolvendo diferentes atores da sociedade forem implementadas (TOYBOOK, 2019).

Quando se trata da infância, além do risco de intoxicação que alguns plásticos utilizados nos brinquedos trazem, há também os impactos socioambientais ocasionados pela sua produção, consumo e descarte, estimulados pela indústria de brinquedos infantis, que promovem, de maneira desenfreada, o consumismo e afastando as crianças de experiências sustentáveis. Pesquisas estimam que cerca de 90% dos brinquedos produzidos no mundo são de plástico e possuem baixa possibilidade de reciclagem. Esse dado evidencia a necessidade de repensar a forma como as crianças brincam e como os ambientes educativos podem promover experiências mais conectadas à natureza e menos dependentes de materiais industrializados.

O brincar ao ar livre e o contato com a natureza são essenciais para o desenvolvimento da criança. Conforme Louv (2016), autor do livro “A última criança na natureza”, a interação com e na natureza garantem para as crianças uma lista de benefícios tanto em sua dimensão física, cognitiva e social. O autor elenca que estimula a aprendizagem, inspira a criatividade, possibilita a construção da autonomia, previne a



ansiedade e doenças crônicas, acelera a produção de vitaminas e hormônios, auxilia no sistema imunológico, promove a atenção e a concentração, fortalecem os vínculos sociais, entre outros.

Nesse contexto, esta pesquisa intitulada: “Vamos desplastificar a infância: Um convite para brincadeiras mais verdes e sustentáveis. Um relato de experiência em um Centro de Educação Infantil do Município de Fortaleza/CE”, busca promover uma discussão/reflexão sobre a necessidade urgente de repensar e implementar práticas pedagógicas voltadas para o incentivo ao livre brincar na natureza, que devem ser priorizadas como elemento primordial para o desenvolvimento da criança, permitindo que as mesmas utilizem a criatividade e a imaginação para brincar livremente e inventar novas brincadeiras com os elementos naturais.

A escolha da temática partiu das inquietações, observações e necessidade de repensar e transformar as práticas pedagógicas na escola das infâncias, alinhadas com os documentos que norteiam a Educação Infantil. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2009), é necessário que as práticas pedagógicas "promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais" (BRASIL, 2009, p. 26). Além disso, iniciativas de “desplastificação” no contexto escolar contribuem para ampliar o repertório sensorial e motor das crianças, proporcionando experiências que favorecem a autonomia, a curiosidade e a imaginação.

Dessa forma, pontuamos como objetivo desta pesquisa promover reflexões voltadas para transformações das práticas pedagógicas incentivando experiências conectadas com e na natureza, buscando reduzir brinquedos plásticos, inserindo e criando brinquedos e brincadeiras com materiais naturais e reaproveitáveis em um Centro de Educação Infantil do município de Fortaleza/CE.

METODOLOGIA

A pesquisa científica é atividade central à Ciência, e é por meio dela que se busca a aproximação do entendimento de uma determinada realidade que se queira investigar (Silveira; Córdova, 2009). Assim, este trabalho configura-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, que consiste em uma atividade investigativa



que posiciona o observador no mundo, e consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível (Flick, 2009).

A finalidade da pesquisa foi de natureza básica com seus objetivos investigados de forma exploratória e descritiva, proporcionando uma maior familiaridade com o problema e explicitando (Gil, 2008). A sua fonte de dados foi embasada nas revisões bibliográficas anteriores, assim como no relato de experiência em uma instituição pública municipal de Educação Infantil, nas turmas do infantil III (A e B) no município de Fortaleza.

A pesquisa teve início com o levantamento bibliográfico, tendo com embasamento teóricos os principais autores que dialogam sobre a prática pedagógica voltadas para a organização dos espaços externos como: Barbosa (2008), Horn (2004), Hoyuelos (2006), Tiriba(2018) e Krenak (2022) como também os documentos normativos que regem e norteiam as práticas pedagógicas na Educação Infantil.

A experiência foi realizada em um Centro de Educação Infantil da rede municipal de Fortaleza/CE, com crianças na faixa etária de 3 a 4 anos de idade. As ações foram conduzidas pelas professoras da turma. A técnica utilizada foi baseada na observação direta das práticas pedagógicas das docentes. Os instrumentos que nos ajudaram nas análises e coletas de dados foram os registros fotográficos dos espaços na instituição e aplicação de um questionário, permitindo compreender as concepções da professora quanto ao tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde a Primeira Infância (período que vai do nascimento até os seis anos de idade), as crianças necessitam estar em espaços nos quais possam viver experiências que as mantenham vinculadas às coisas da Natureza e se percebam como parte do mundo natural. Freinet (1998, p. 181) afirma: “não há nada que seja mais benéfico para as crianças do que a natureza, porque oferece uma gama inesgotável de recursos, ao mesmo tempo uma série de barreiras intangíveis que lhes dão a medida exata de suas possibilidades e potências”.

A relação da criança com a natureza precisa ser fomentada por todos à sua volta, pois é um direito que promove não só apenas o seu bem-estar e potência, mas também



uma sociedade mais humana e comprometida com valores socioambientais. Creches e pré-escolas são espaços privilegiados para aprender e ensinar porque lá as crianças colhem suas primeiras sensações, impressões, sentimentos do viver. Sendo assim, a dimensão ambiental não poderia estar ausente, ou a serviço da dimensão cultural, ambas deveriam estar absolutamente acopladas.

“Como podemos ter uma educação não-ambiental se desde o dia do nosso nascimento até o dia de nossa morte vivemos em um ambiente? [...] A única maneira de se entender o conceito de natureza na teoria educacional é por meio de sua ausência. [...] Tudo se passa como se fôssemos educados e educássemos fora de um ambiente” (GRÜN, 2003, p. 2-3).

É urgente promover, desde cedo, o desenvolvimento da criticidade nas crianças, especialmente no que diz respeito à capacidade de repensar a forma como nos relacionamos com o mundo natural. As projeções de presente e de futuro que lhes são oferecidas hoje, marcadas por um modelo que restringe experiências, aprendizagens e possibilidades de convivência com a natureza, evidenciam para a educação a necessidade de rever seus espaços, currículos e políticas públicas voltadas para o assunto. Trata-se de buscar caminhos que reconectem o coração da criança ao pulsar da terra.

Krenak (2022) observa que a infância, na sociedade contemporânea, não tem sido compreendida em sua totalidade. Muitas vezes, as crianças são vistas como recipientes vazios a serem preenchidos com informações dissociadas de sua lógica própria de existência. Em vez de impor uma visão adulta sobre como se deve relacionar com o mundo, o autor defende que é preciso acolher os desejos e as criações da infância, evitando a construção de um futuro distante de si mesmo, da vida, da coletividade e do planeta.

Louv (2016), autor do livro “A última criança na natureza”, afirma que o distanciamento da criança e natureza, têm promovido efeitos negativos para a saúde nos âmbitos físico e mental. O contato, especialmente das crianças e dos jovens sujeitos em fase de desenvolvimento cognitivo, psíquico, motor, com a natureza vem diminuindo, acarretando por exemplo, aumento dos índices de sedentarismo/obesidade, miopia, estresse, ansiedade, depressão, Transtorno de Dependência de Tela, e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).



Tal desconexão com a natureza e seus desdobramentos criaram condições para a criação do termo “Transtorno do Déficit de Natureza” (TDN), cunhado por Louv em 2005, nos EUA, indicando que a exposição direta à natureza é essencial para o desenvolvimento saudável de crianças e de adolescentes e para as condições de vida saudáveis em todas as faixas etárias (Louv, 2016).

Destarte, ao brincar na terra, construir castelos de areia, fantasiar segredos da floresta encantada de seus sonhos, ao imaginar enredos em que se transmutam em animais e vice-versa, as crianças vão construindo sentidos sobre a sociedade e sobre a natureza. É o exercício de convívio com o mundo natural e a vivência de outras relações de produção e de consumo que possibilita às crianças se constituírem como seres que saibam cuidar de si, dos outros, da Terra. E resistam ao consumismo que destroi e desperdiça o que a natureza oferece a todos os seres vivos. Se as crianças são o centro do planejamento escolar, este convívio não é uma opção de cada professor ou professora.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Vivemos uma cultura do descarte, onde a satisfação momentânea é rapidamente substituída pela busca insaciável por algo novo. Nos esquecemos que um novo produto sempre irá requerer mais matéria prima e maior consumo dos recursos naturais, que “não” são inesgotáveis. Vivemos em um mundo finito, com recursos limitados, e o consumo irresponsável acelera o esgotamento desses recursos.

O movimento de dizer não à destruição da vida na Terra implica práticas pedagógicas que assumam a educação como prática da liberdade (FREIRE, 1976), que apostem nas interações afetivas e criativas e, ao mesmo tempo, tenham intencionalidade política e transformadora.

Durante as observações que ocorreram em um Centro de Educação Infantil do Município de Fortaleza, foi possível perceber que as experiências proporcionadas para as crianças afirmavam a importância de desfrutarem de um ambiente ao ar livre. Na rotina, as professoras que participaram do estudo, priorizam o contato com a natureza, em quase todos os tempos da rotina pedagógica, como por exemplo a o tempo de leitura de história, na qual acontece diariamente debaixo de uma árvore, o tempo de brincar



autônomo é um momento bastante esperado para as crianças, pois as docentes preparam contexto com e na natureza, podemos citar como exemplo: experiências com gelo; com bacias de alumínio com águas e barquinhos de papel; vivências de cozinha da natureza com diversos materiais como formas de bolo (alumínio), areia, flores, sementes, galhos, cascas de coco, castanha de caju e outros.

Percebemos ainda, bastante forte a questão de criarem seus próprios brinquedos, tintas, massa de modelar. As crianças utilizam tintas que são fabricadas por elas, extraídas do urucum, café, açafrão, curry, beterraba, reaproveitamento da casca da cebola, canela, hibisco, terra, carvão e outros. A massa de modelar também é feita pelas crianças utilizando elementos caseiros, como farinha de trigo, óleo e pigmentos naturais. Foi observado ainda momentos de oficinas de construção de brinquedos, como bonecos gravetos (bonecos construídos com pedaços de galhos e retalhos), pipas, móveis, instrumentos sonoros e uma variedade de brinquedos.

Quando questionado para as docentes sobre a importância dessas práticas pedagógicas, umas das educadoras afirmou que “É preciso reinventar os tempos, os espaços, rotinas e as práticas pedagógicas nas Instituições de Educação Infantil, possibilitando que a criança tenha acesso ao ambiente natural, constituído por todos os seres vivos, humanos e não humanos”.

Sobre a valorização das crianças ocuparem os espaços externos, a segunda educadora respondeu: “Os espaços revelam nossas relações sociais, nossas intenções como coletivo, como sociedade. Aquilo que está fisicamente no centro de um espaço demonstra também algo que está no foco das atenções daquela comunidade. É preciso apurar o olhar, refletir e estar atento para compreender o que o espaço está comunicando”.

Dessa forma, percebe-se que as práticas ocorridas nesta Instituição corrobora com as DCNEI (2009), na qual ressalta que as interações e as brincadeiras são os eixos norteadores da proposta curricular da Educação Infantil. Assim, é preciso que inventemos um cotidiano cujo sentido seja o de interagir, brincar, criar, aprender, encantar-se com a beleza do dia, brincar na chuva, sentir a areia fofinha nos pés, ouvir o canto de um pássaro, observar as nuvens brincando no céu..., uma nova perspectiva de educação como, em que a relação com o tempo e com o conhecimento não é cronológica, mas intensa, criativa, emocionada. Já dizia Jorge Larrosa (2017), escolas



que nos convidam ao habitar são, também, aquelas onde é possível viver experiências que nos tocam, nos atravessam, onde o espaço também é atravessado e transformado por nós.

Conforme, Piorski (2016), o contato com materiais naturais é essencial para um mergulho nos sentidos. Segundo o autor, quando a criança brinca com elementos da natureza, ela dá vazão à sua vontade de construir, montar e fazer, acessando diferentes linguagens expressiva de experimentação, desenvolvendo habilidades motoras e de criação cada vez mais complexas, e fortalecendo elos na relação com o mundo à sua volta. Além disso, os brinquedos não industrializados ou não estruturados, exigem da criança uma atividade interna para brincar e convidam à criatividade, ao contrário do brinquedo pronto, que é sempre igual, a mesma textura, a mesma temperatura, sempre com representatividade muito similar. Ao criar brinquedos e brincadeiras as crianças estão exercendo habilidade de discutir, negociar e de resolver questões com seus pares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos um momento propício para restabelecer laços profundos com a natureza, replantar no imaginário coletivo novas formas de pensar e transformar a maneira como nos relacionamos com o capitalismo. É preciso desacelerar o ritmo do consumismo desenfreado e abrir, no campo educacional, caminhos que possibilitem compreender “tanto a condição humana no mundo como a condição do mundo humano, que, ao longo da história moderna, se tornou condição da era planetária” (Morin, 2001, p. 55). É certo que os sinais de esperança estão por toda a parte, mas estas acções não são suficientes.

O incentivo ao consumo desenfreado é alimentado pelo baixo custo de brinquedos plásticos que são, muitas vezes, a escolha mais acessível para famílias de baixa renda. Essa tríade de acessibilidade financeira, custo reduzido e cultura de descarte resulta em uma infância excessivamente dependente do plástico, com pouco incentivo para brinquedos artesanais ou de materiais mais sustentáveis, como a madeira por exemplo. Nesse sentido, conscientizar as crianças, desde a educação infantil, sobre seu papel no mundo e a importância de cultivar relações harmoniosas com a mãe-terra é um compromisso essencial da educação.



É válido ressaltar que essas ações de transformações de “desplastificar” no contexto escolar, são apenas o pontapé de saída para uma transformação que terá de tomar outras proporções. O problema do plástico vai muito além, necessitando de soluções sistêmicas que envolvam a forma como produzimos, consumimos e descartamos o plástico. Urge investigar, desenvolver e inovar em produtos alternativos ao plástico, novas embalagens e tecnologias de reciclagem. Urge construir e pensar em políticas públicas eficazes para pensar o problema mundial na crise ambiental e climática que enfrentamos.



Experiência com gelo



Vivência com diversas ervas



Modelagem com argila



Fabricação de tintas com urucum



Confeitaria com elementos da natureza

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: Ética do humano, compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BARBOSA, M. C. S. HORN, M. G. S. *Projetos pedagógicos na educação infantil*.



Porto Alegre: Artmed, 2008.

FLICK, U. *Métodos de Pesquisa: introdução à pesquisa qualitativa*. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GRÜN, Mauro. A outriedade da natureza na educação ambiental. ANPED, GT 22, 2003.

GUIMARÃES, Mauro. *A dimensão ambiental na Educação*. 11. ed. Campinas: Editor Papirus, 2011.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Crianças e meio ambiente: dimensões de um mesmo mundo. In: NOAL, Fernando Oliveira; BARCELOS, Valdo Hermes de Lima (org.). *Educação Ambiental e cidadania: cenários brasileiros*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003. p. 201-229.

HORN, M. da G. S. Sabores, cores, sons e aromas: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HORN, Maria da Graça Souza. *Brincar e interagir nos espaços da escola infantil*. Porto Alegre: Penso, 2017.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2017.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza*. 1. ed. São Paulo: Aquariana, 2016.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2001.

NUCCI, Juliana Maia Rabelo. Lixo marinho com enfoque em resíduos plásticos. 2010, 47 f. *Monografia de Conclusão de Curso*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo 2010.

PIORSKI, Gandhi. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

TIRIBA, Léa. *Educação infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias*. São Paulo: Paz & Terra, 2021. 308 p.

TIRIBA, Léa. *Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais*. Belo Horizonte, nov. 2010.

